

DO TERRITÓRIO AO FEED: Reivindicação do ciberespaço por indigenas

Glícia Kaliane Lucas Machado de Souza

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo questionar as fontes utilizadas nas pesquisas de História relacionadas aos povos originários. Nessa perspectiva, e considerando que esse texto faz parte de um estudo maior realizado no mestrado, apresentar-se-á as fontes e metodologias utilizadas no processo de escrita da dissertação, de modo a perceber como estereótipos sobre os povos indígenas no Brasil são desafiados e ressignificados no Ciberespaço (Levy, 2003), especialmente por influenciadoras indígenas no TikTok. As metodologias utilizadas são a Análise de Conteúdo (Bardin, 2015) e o Mapa das Mediações (Martin-Barbero, 2002). Ao priorizar a utilização de fontes dos períodos colonial e imperial, os historiadores acabam reforçando ideias estereotipadas acerca do que é ser indígena no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Povos Indígenas; História Digital; História Pública; Fontes Históricas; TikTok.

FROM TERRITORY TO FEED: The Reclamation of cyberspace by Indigenous People

ABSTRACT:

This article aims to question the sources used in historical research related to indigenous people. In this context, and considering that this text is part of a larger study conducted for a master's degree, the sources and methodologies used in the process of writing the dissertation will be presented to understand how stereotypes about indigenous peoples in Brazil are challenged and re-signified in cyberspace (Lévy, 2003), especially by indigenous influencers on TikTok. The methodologies used are Content Analysis (Bardin, 2015) and the Map of Mediations (Martin-Barbero, 2002). By prioritizing sources from the colonial and imperial periods, historians end up reinforcing stereotypical ideas about what it means to be indigenous in Brazil.

KEYWORDS: Indigenous People; Digital History; Public History; Historical Sources; TikTok.

“Um dia eu quero ser índio: viver pelado, pintado de verde, num eterno domingo”

A cantora brasileira Rita Lee lançou, em 1980, a música “Baila Comigo”, cujo trecho intitula esta seção do texto. A partir da análise da canção, é possível identificar uma representação do indígena que permeia o imaginário coletivo brasileiro até os dias atuais: o indígena é frequentemente visto como um ser selvagem, preguiçoso e idílico, características que coexistem em uma narrativa estereotipada.

A imagem do indígena como selvagem deriva da percepção de que esses povos seriam beligerantes, exóticos e alheios às normas de civilidade impostas pelos colonizadores, como o uso de vestimentas ou comportamentos considerados “adequados”. A ideia de preguiça, por sua vez, emerge da disparidade entre as relações de trabalho indígenas e o modelo produtivista europeu. Já a visão idílica associa os indígenas a um modo de vida despreocupado, harmônico e em comunhão com a natureza.

Essas representações, profundamente enraizadas na cultura brasileira, são estereótipos construídos e perpetuados desde o início do processo colonial, no século XVI, baseados em perspectivas eurocêntricas e tendenciosas dos colonizadores. Chimamanda Ngozi Adichie (2019) alerta para os perigos de uma “história única”, que exclui a pluralidade de vozes e experiências. Embora ainda predominem narrativas eurocêntricas, movimentos decoloniais vêm ganhando força, especialmente em países da América Latina e da África, promovendo reflexões críticas sobre as representações hegemônicas.

A historiografia brasileira, como apontado por Maria Regina Celestino de Almeida (2010), desempenhou papel significativo na cristalização de imagens estereotipadas sobre os povos indígenas. Produzida majoritariamente por homens

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

brancos, a historiografia contribuiu para consolidar uma visão limitada e reducionista, perpetuada por gerações.

Contudo, estar à margem não implica aceitar passivamente essa condição. O protagonismo indígena em diferentes esferas da sociedade tem se intensificado. A deputada federal Célia Xakriabá enfatiza a urgência da participação indígena na política, assegurando uma maior representatividade democrática (Correa, 2018, p. 59). Sônia Guajajara, Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, também destacou, em seu discurso de posse, a necessidade de os indígenas ocuparem espaços de poder para revisitá-los e fortalecer a democracia brasileira.

Além da atuação em instituições formais, os indígenas têm conquistado espaço em plataformas digitais. Influenciadoras como Alice Pataxó e Cunhaporanga utilizam o Ciberespaço, conceito explorado por Pierre Lévy (2003), para conscientizar sobre questões relevantes aos povos originários e apresentar a diversidade de seus cotidianos. A presença indígena no ciberespaço não apenas contribui para desconstruir estereótipos — visto que tecnologias e povos tradicionais são, muitas vezes, percebidos como antagônicos —, mas também amplia o alcance de suas vozes, permitindo um diálogo mais democrático e plural.

Nos últimos anos, a popularização do TikTok evidenciou o potencial das redes sociais na promoção do protagonismo indígena. Diversos criadores de conteúdo indígenas têm utilizado a plataforma para alcançar públicos amplos, obtendo expressivo engajamento. Assim, a ocupação do ciberespaço pelos indígenas suscita reflexões sobre os impactos dessa presença e a necessidade de compreender as especificidades desse ambiente.

Este texto integra os estudos que desenvolvo no mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O trabalho propõe apresentar as fontes e metodologias

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

empregadas na análise de vídeos produzidos por indígenas no TikTok, considerando o papel dessas produções na construção de novas narrativas e representações.

TikTok: Fonte do século XXI

Ao longo da história do Brasil, a produção historiográfica desempenhou um papel crucial no processo de marginalização e estereotipização dos povos indígenas, como aponta Maria Regina Celestino de Almeida (2010). Essa dinâmica foi especialmente marcante durante o período colonial, mas não se limitou a ele. Apesar das mudanças ocorridas, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, quando as narrativas indígenas começaram a ocupar mais espaços na academia e na sociedade, cabe questionar: essa ampliação de vozes significou uma transformação completa na abordagem historiográfica sobre os povos indígenas no Brasil?

Com esse questionamento em mente, realizou-se um mapeamento preliminar das fontes utilizadas em produções acadêmicas que têm como objeto principal de estudo os povos indígenas, em Instituições de Ensino Superior (IES). Para tanto, foram analisados dois repositórios: o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, reconhecido por sua abrangência nacional e relevância quanto agência de fomento à pesquisa; e o Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde é conduzida a pesquisa de mestrado associada a este estudo.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, ao aplicar o termo de busca "indígena" com o filtro para a área de conhecimento de História, identificaram-se 397 trabalhos. Destes, 65% (ou 258 textos) utilizam fontes que datam do período entre os séculos XVI e XIX. No Repositório Institucional da UFRN, aplicou-se o mesmo termo, mas restringindo-se ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, do qual o Departamento de História faz parte. A busca resultou em 46 trabalhos, sendo que 78% (ou 36 textos) basearam-se em fontes históricas dos séculos XVI a XIX.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Esse panorama revela uma preferência significativa por fontes mais antigas, o que pode contribuir para a perpetuação de ideias que congelam os povos indígenas em uma realidade do passado distante. Isso não significa que interpretações decoloniais sejam inviáveis ao se utilizar documentos históricos mais antigos. No entanto, é imprescindível problematizar o uso excessivo dessas fontes, muitas vezes produzidas por não indígenas, como se não houvesse registros contemporâneos para compreender os povos originários em sua dinamicidade atual.

Produzir ciência a partir de perspectivas não hegemônicas enfrenta desafios significativos. Existe uma desconfiança histórica, sobretudo entre historiadores conservadores, em relação a abordagens que rompem com os métodos tradicionais, como o uso de fontes digitais. Contudo, toda inovação começa de algum ponto. A História Digital, por exemplo, consolidou-se como uma área de pesquisa que reconhece a importância de narrativas que transcendem os muros da academia.

É nesse sentido que se observa a convergência entre a História Digital e a História Pública. Conteúdos divulgados no Ciberespaço têm um alcance popular muito maior do que as produções acadêmicas tradicionais, como teses, dissertações e artigos. A História é, sim, um campo que desperta interesse e curiosidade na sociedade civil, mas a comunicação com esse público demanda linguagens e formatos distintos daqueles usados entre os pares acadêmicos.

Ao incorporar conteúdos produzidos por indígenas no Ciberespaço como fontes históricas, promove-se o protagonismo dos povos originários em dois níveis cruciais: (1) desafiando e refletindo sobre a memória histórica que, desde a colonização até o período republicano, construiu representações limitadas sobre esses povos; e (2) ressignificando ou reconstruindo ideias de representação indígena, tanto em termos individuais quanto coletivos, em contextos digitais.

A ocupação do ciberespaço pelos povos indígenas é, assim, uma arena na qual ideias de representação, narrativa e memória são mobilizadas e ressignificadas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Após séculos de marginalização na historiografia, é essencial investigar como os indígenas estão se apropriando da História e das ferramentas digitais para apresentar questões relevantes de suas perspectivas, baseadas em suas cosmovisões e epistemologias. O ciberespaço, portanto, configura-se como um espaço plural e democrático que amplia a visibilidade e o alcance das narrativas indígenas, rompendo com os moldes tradicionais e eurocêntricos da produção historiográfica.

Influenciadoras indígenas

Como previamente exposto, as produções acadêmicas na área de História com foco nos povos indígenas utilizam, majoritariamente, fontes datadas entre os séculos XVI e XIX. Essa predominância permite inferir que, de forma indireta, as pesquisas realizadas acabam por congelar os indivíduos indígenas em uma realidade temporal distante, contribuindo, assim, para a perpetuação de estereótipos relacionados aos povos originários.

Ademais, grande parte dos estudos sobre os povos indígenas baseia-se em narrativas construídas a partir da perspectiva do colonizador branco, em vez de adotar o ponto de vista dos próprios povos originários. Tal prática reflete o caráter eurocêntrico predominante na produção acadêmica brasileira e em diversos países do Sul Global.

Nesse contexto, o sociólogo Suyed Hussein Alatas (2000) cunhou o conceito de Imperialismo Intelectual, o qual descreve o impacto do processo imperialista e colonizador não apenas no campo econômico, mas também na construção epistemológica. Segundo Alatas, os países do Sul Global tendem a replicar intelectuais europeus que pouco ou nada conhecem das realidades locais.

O Imperialismo Intelectual resulta, portanto, em uma construção epistemológica no Sul Global que não comprehende plenamente suas próprias especificidades, dado que reproduz modelos acadêmicos oriundos de países como

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

França, Alemanha, Itália, Inglaterra e Estados Unidos (Pereira, 2018). A historiadora Ana Carolina Barbosa Pereira (2018) enfatiza a necessidade de fomentar e consumir estudos que se originam fora do eixo europeu, com o objetivo de construir teorias e epistemologias que atendam às demandas locais, ao invés de meramente replicar modelos europeus.

Sob essa perspectiva, o presente estudo busca construir um conhecimento que não apenas parte da realidade específica dos povos indígenas no Brasil, mas também os posiciona como interlocutores centrais. A análise baseia-se em fontes produzidas e divulgadas pelos próprios indígenas – mais especificamente, vídeos curtos publicados na plataforma TikTok.

Em um levantamento inicial, foram identificados mais de 30 indivíduos indígenas com engajamento significativo e milhares de seguidores no aplicativo. Desses, foram selecionadas quatro¹ criadoras de conteúdo, de acordo com os seguintes critérios: maior número de seguidores na plataforma, diversidade étnica e diversidade na forma de exposição.

O número de seguidores foi considerado um critério relevante, uma vez que, quanto maior a quantidade de seguidores, maior é a interação gerada. A diversidade étnica foi priorizada para garantir a análise de uma pluralidade cultural presente no TikTok. Por fim, buscou-se incluir influenciadoras com diferentes personalidades, permitindo avaliar se essas características influenciam seus seguidores.

Os perfis selecionados foram: @cunhaporanga_oficial, @ywa_oficial, @romanawaiapi e @weenatikuna. No que diz respeito à diversidade étnica,

¹ O número de 4 mulheres foi assim definido pois, além de atenderem todos os pré-requisitos apresentados, objetivou-se analisar a maior quantidade possível de vídeos durante a escrita deste projeto, de modo a categorizá-los para um melhor funcionamento da pesquisa. Assim, as 4 primeiras mulheres com maior engajamento, de diferentes etnias e com personalidades distintas ao se apresentar no ciberespaço geraram mais de 800 vídeos a serem pré-analisados. Buscando prezar pela qualidade da pesquisa, optou-se por definir 4 como o número mais adequado de indivíduos a contribuírem na continuidade do estudo.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ressalta-se que não houve pré-definição de povos, uma vez que o objetivo era garantir uma amostra variada com base nos dados disponibilizados pelo aplicativo.

Os seguidores desses perfis variam entre 411.000 e 6.000.000, sendo este último número referente ao perfil de @cunhaporanga_oficial, pertencente à indígena Jügoa Tatuyo, que utiliza o pseudônimo "Cunhaporanga" – expressão que significa “mulher bonita” em sua língua. Cunhaporanga é popular em diversas mídias, já tendo participado de programas de televisão e produções audiovisuais. Além disso, foi escolhida pela Mattel como inspiração para a criação da primeira Barbie indígena brasileira².

O segundo maior perfil em número de seguidores é o de @romanawaiapi, com 1.100.000 seguidores. Romanan é estilista e artesã de biojoias, casada com um homem não indígena, com quem tem um filho, e reside em uma casa na árvore na floresta. Seu conteúdo é centrado no cotidiano como trabalhadora da moda, mãe e indígena.

Weena Tikuna, por sua vez, produz vídeos humorísticos que satirizam o cotidiano indígena, frequentemente utilizando estereótipos e mensagens racistas recebidas em seus comentários. Seus seguidores incluem tanto aqueles que compreendem sua sátira quanto outros que interpretam o humor como realidade.

Por fim, Ywa Hakti se caracteriza por uma expressão direta e incisiva. Inicialmente produtora de conteúdo evangélico, tornou-se, sem explicação declarada, ativista pela preservação da cultura e das tradições indígenas. Ywa é a influenciadora que mais recebe comentários ofensivos, provavelmente devido à sua postura firme e combativa.

Um olhar latino-americano e interdisciplinar

² Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/indigena-brasileira-vira-barbie-nos-65-anos-da-boneca>>. Acesso em: 17 nov. 2024

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Considerando as especificidades das fontes audiovisuais utilizadas neste estudo, torna-se necessária a adoção de duas metodologias complementares. A primeira é a Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2015), que permite examinar e compreender o conteúdo explícito e implícito presente nos dados. Essa abordagem metodológica requer, inicialmente, a criação de uma ferramenta analítica – no presente caso, será utilizada uma planilha em Excel –, seguida pela alimentação dessa ferramenta com os dados coletados e, por fim, pela interpretação criteriosa dos dados catalogados.

Para abordar e compreender as particularidades das fontes em formato de vídeo, será empregada a metodologia dos Mapas das Mediações, desenvolvida por Martín-Barbero (1986). A escolha dessa metodologia justifica-se por múltiplos fatores, sendo o principal a sua formulação a partir de uma perspectiva decolonial e enraizada na realidade latino-americana. Essa abordagem permite uma análise não enviesada por perspectivas eurocêntricas, como destaca Lopes (2018, p. 40).

Com base na noção de Imperialismo Intelectual (Alatas, 2000), é urgente observar a realidade indígena brasileira por meio de lentes interseccionais que contemplem as especificidades do ponto de vista latino-americano, especialmente em um contexto nacional ainda marcado pelas consequências do colonialismo. Nesse sentido, Lopes (2018, p. 45) ressalta que Martín-Barbero “evidenciará que existe uma outra epistemologia, latino-americana [...], a partir da qual é possível revisar os processos de comunicação” em articulação com os movimentos sociais.

Outro aspecto fundamental na proposta de Martín-Barbero é a valorização de ideias e visões marginalizadas, uma perspectiva que ele descreve como “calafrio epistemológico”. Essa noção encontra correspondência direta com os objetivos deste estudo, que busca analisar a mobilização e reconstrução da memória e representação dos povos indígenas a partir de suas próprias perspectivas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A metodologia de Martín-Barbero organiza-se em torno da ideia de cartografia da comunicação como ferramenta epistemológica para a análise das mediações. Essas mediações são compreendidas como dispositivos que historicizam a relação entre os sujeitos e os aspectos comunicacionais (Lopes, 2018, p. 48). Para operacionalizar essa proposta, Martín-Barbero desenvolveu mapas específicos para estruturar as análises. Este estudo utilizará a versão mais recente do Mapa das Mediações, publicada em 2017, conforme ilustrado a seguir.

Figura 1 – Mapa das Mediações – 2017



Fonte: Entrevista de Martín-Barbero a Omar Rincón, 2017

Martín-Barbero enfatiza que a aplicação de seus mapas deve ser adaptada pelos pesquisadores de acordo com o meio de comunicação social analisado. Nesse sentido, a versão de 2017 foi escolhida para este estudo por incorporar conceitos fundamentais aos estudos históricos. No centro da proposta, encontram-se os Espaços Constitutivos das Mediações – Comunicação, Cultura e Política –, que, segundo Martín-Barbero, representam os pilares nos quais as mediações se articulam³.

³ Martín-Barbero define Mediações como tudo aquilo que está entre a produção e a recepção de uma obra audiovisual. Valores e questões políticas, culturais e da comunicação influenciam a recepção e interpretação da obra produzida. Desse modo, em uma sociedade com valores políticos, culturais e comunicativos que marginaliza, sexualiza ou invisibiliza sujeitos indígenas, a memória tende a se cristalizar a partir dessas balizas. Agora, com a ocupação do Ciberespaço e especificamente do TikTok, os indígenas têm um meio audiovisual democrático para desconstruir a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O eixo da temporalidade permite identificar se as ideias analisadas remetem a um passado não superado – como no caso de estereótipos acerca dos povos indígenas – ou a um presente que foi e continua sendo ressignificado. Essa abordagem também possibilita compreender de que forma o contexto histórico e social de cada período influencia, possibilita e legitima certas representações e narrativas, muitas vezes contribuindo para a perpetuação de estereótipos sobre os povos originários.

A dimensão espacial, por sua vez, examina tanto a localização física das gravações – tipo de moradia, ambiente urbano ou rural, entre outros – quanto o meio audiovisual que possibilita a comunicação. Para aprofundar a análise espacial, é utilizado o conceito de Ciberespaço, conforme definido por Pierre Lévy (2003). Para o autor, o Ciberespaço é compreendido como o ambiente de interação proporcionado pela conexão de indivíduos por meio da internet. A compreensão das particularidades desse espaço comunicacional é essencial para aplicar e interpretar o Mapa das Mediações de Martín-Barbero no contexto das redes sociais digitais.

Na perspectiva barberiana, o processo comunicativo deve ser analisado a partir dos significados e representações que emergem das interações entre emissor e receptor. Fatores como variações culturais, formas de comunicação e a participação em movimentos sociais são tão relevantes para a análise quanto o próprio meio de comunicação (Martín-Barbero, 2002, p. 55). Nesse contexto, reafirma-se a importância da Análise de Conteúdo (Bardin, 2015), uma metodologia que permitirá compreender em detalhe as características e discursos das influenciadoras digitais indígenas.

Memória colonialista a respeito de indígenas, além de divulgar uma Memória e Representação dos povos originários a partir de suas próprias Mediações.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Adicionalmente, a interação entre as criadoras de conteúdo e seus seguidores será analisada com o objetivo de mapear os tópicos que geram maior engajamento – expressos por comentários, compartilhamentos e "curtidas". Essa análise incluirá também uma avaliação das opiniões predominantes na seção de comentários, observando se elas concordam ou discordam das ideias apresentadas pelas influenciadoras.

Conclusão

Este estudo reflete sobre as fontes e metodologias utilizadas em estudos com foco na questão indígena. A partir da articulação teórica fundamentada nos conceitos de Ciberespaço de Pierre Lévy (2003), nas metodologias de Mapa das Mediações de Martín-Barbero (2017) e na Análise de Conteúdo de Bardin (2015), busca-se compreender como o TikTok se apresenta promissor como espaço de ressignificação de memórias e representações historicamente cristalizadas.

A pesquisa revela que, enquanto a historiografia tradicional frequentemente perpetua estereótipos e congelamentos temporais sobre os povos indígenas, os conteúdos digitais oferecem um contraponto contemporâneo, dinâmico e plural. As influenciadoras analisadas desempenham um papel central ao desconstruir imaginários coloniais e amplificar vozes indígenas em uma arena global. Por meio do engajamento nas redes sociais, elas ressignificam as relações entre tradição e modernidade, rompendo com a visão binária que opõe tecnologia e ancestralidade.

A análise também evidencia que o protagonismo indígena no ciberespaço é uma ferramenta poderosa para democratizar narrativas e fortalecer a luta por representatividade. Ao se apropriarem de plataformas digitais, os povos indígenas não apenas ampliam sua visibilidade, mas também desafiam epistemologias hegemônicas, promovendo um diálogo crítico entre passado e presente.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Portanto, é possível reafirmar a necessidade de extrapolar valores, métodos, teorias e epistemologias eurocêntricas e voltar o olhar para a realidade local. Ademais, a integração de perspectivas decoloniais com abordagens interseccionais aponta para a necessidade de continuar explorando o Ciberespaço como um território fértil para a construção de narrativas mais inclusivas e plurais, que refletem a riqueza e a diversidade das culturas indígenas no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALATAS, S. H. Intellectual imperialism: definition, traits, and problems. **Southeast Asian Journal of Social Science**, v.28, n.1, p.23 - 45, 2000.
- ALMEIDA, M. R. C. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2015.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1986.
- CORREA, C. N. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, 2018.
- LÉVY, P. **O Que é Virtual?**. Rio: Editora 34. Tradução de Paulo Neves, 2003.
- LOPES, M. I. V. de. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes** (Online) , v. 12, p. 39-63, 2018.
- PEREIRA, A. C. B. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.10, n.24, p.88 - 114, abr/jun. 2018.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade